

de Emaús o têm por um “profeta poderoso em obra e palavra” (Lc 24,19). O próprio Jesus teria se apresentado como profeta, para se referir à rejeição que teria sofrido em sua terra. E nem recorramos aos testemunhos recolhidos no evangelho segundo João (4,19; 6,14; 7,40)!

Seria então possível apresentar a morte de Jesus vinculando-a às mortes que os profetas, pelo que se contava, sofreram no passado? Seria viável mostrar a morte de Jesus como fruto da violência do poder que elimina os líderes populares à medida que os toma como perigosos à ordem estabelecida? Textos como 1Ts 2,15 e At 7,52 apontam nesta direção. Os que mataram Jesus tinham como antepassados gente que fizera o mesmo com os profetas. Terá sido essa uma das finalidades que o texto de Mc 12,1-12 buscou explicitar?

O profeta assassinado e a recriação de um enredo

Um dos elementos mais significativos na formação dos textos que formam o Novo Testamento, particularmente os Evangelhos, é o progressivo relacionamento das palavras atribuídas a Jesus com o seu próprio destino. As palavras que Jesus teria dito a respeito do Reino de Deus vão aos poucos sendo aplicadas ao esforço das comunidades em compreender melhor e mais profundamente o próprio Jesus. Esta tendência foi se manifestando aos poucos e se manifesta intensamente, por exemplo, no evangelho segundo João, onde encontramos inúmeras vezes Jesus falando a respeito de si mesmo (em especial com o famoso “Eu sou”). Isto não significa que este processo tenha se dado em todos os lugares e comunidades. Mas trata-se de algo que importa notar, pois terá determinado de maneira significativa a redação da passagem de Mc 12,1-12.

O relato básico da chamada parábola dos vinhateiros menciona um proprietário de uma vinha que, depois de tê-la arrendado a alguns lavradores e, quando da colheita, ter enviado uma e outra vez um escravo para recolher a produção, sem sucesso, enviou-lhe seu filho, na esperança de então conseguir seu intento. Os lavradores, porém, eliminaram o herdeiro, com a expectativa de tomarem posse da vinha. Este é o contorno da parábola que encontramos no evangelho segundo Tomé, obra descoberta há pouco mais de cinquenta anos em Nag Hammadi, no Egito, e reveladora de tendências bastante significativas da pregação de Jesus de Nazaré e sua transmissão no seio do cristianismo primitivo. Eis como se apresenta o parágrafo 65 do referido evangelho:

“Um homem rico tinha uma vinha. Ele a entregou nas mãos de operários, para que a trabalhassem, a fim de receber de suas mãos o fruto da vinha. Ele enviou seu servo para que os operários lhe entregassem o fruto. Eles pegaram seu servo, espancaram-no e faltou pouco para que ele não morresse. O servo foi embora e contou a seu senhor o ocorrido. Seu senhor disse: ‘Talvez ele não os tenha reconhecido’. E enviou outro servo: os operários também o espancaram. Então, o senhor enviou seu filho. Ele disse: ‘Talvez eles tenham respeito por meu filho’. Os operários, quando tomaram conhecimento de que se tratava do herdeiro da vinha, pegaram-no e o mataram. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!”

Muitos indícios apontam para que este teor básico deva ser relacionado com a pregação de Jesus: o relato é mais curto e direto que aquele que conhecemos pelos evangelhos, e o enredo é claramente social. O que aí se discute é uma questão agrária, motivada pelo processo crescente de concentração de terras e evidente empobrecimento de setores crescentes da população. Isso supõe considerar o texto como tematizador da realidade, e não como um enredo que toma uma cena do cotidiano para apresentar outro conteúdo. Justamente este caráter realista é próprio da parábola: põe em cena questões espinhosas do cotidiano e as discute, instigando quem ouve (e lê) a um posicionamento. Em nosso caso, os personagens e a trama que desenvolvem são um retrato provocante da realidade agrária do Israel dominado pelos romanos e permitem notar o grau de tensão e violência que se abate sobre a população; além disso indicam elementos preciosos na reconstituição do seu cotidiano conflitivo e precário. E não deixam de insinuar uma atrevida proximidade de Jesus em relação às causas dos sem-terra de então.

Mas o relato que lemos em Marcos tem outros contornos, ênfases e objetivos. A alusão à conhecida alegoria de Is 5,1-7 e sua presença no começo e no fim do relato parábólico reorientam o enredo. De parábola passamos a alegoria. Nesta cada elemento do enredo tem significado próprio, e a trama em seu conjunto passa a ser símbolo de outro conteúdo que se está pretendendo alcançar. Vamos por partes. A alusão a Is 5,2, no que toca aos cuidados para com a vinha, faz com que esta ganhe um significado novo. O foco deixa de ser a plantação; afinal de contas, no texto do profeta se lê que “a vinha de Iahweh dos exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são sua plantação preciosa” (Is 5,7). Este sentido é transposto para o enredo parábólico. No final, temos o indicativo da reação do senhor da vinha, inspirada em Is 5,5. E a partir daí todos os demais elementos do enredo ganham significação específica: os trabalhadores passam a aludir às lideranças políticas e religiosas, responsáveis pela vinha de Iahweh, que ouvem a parábola, que está sendo, nesta nova versão, dirigida contra eles (veja Mc 11,27; 12,12).

Nesse meio, os servos e o filho. Quanto a este último, o qualificativo “amado” não permite dúvidas: refere-se a Jesus, e leitores e leitoras do evangelho sabem disso (Mc 1,11; 9,7). Sua morte é interpretada então como assassinato, obra das elites de então. Mas a comunidade confessa que esta morte “não passou em branco”. A citação do Salmo 118,22-23 nos v. 10-11 reforça este novo foco do texto: a morte de Jesus deve ser vista pela nova colocação deste, como “pedra angular”.

Já os servos, que precedem o filho na ida à vinha, cumprirão um papel decisivo na interpretação do destino de Jesus que nosso texto está propondo. Vários textos da Escritura falam dos profetas como servos de Iahweh (Am 3,7; Jr 7,25; 25,4; 26,5; 29,19; 44,4; Zc 1,6). Em quase todos, o tom é o da rejeição e do desprezo destas figuras. Se tomamos em conta esta identificação, poder-se-ia até pensar que o golpe na cabeça de um dos servos (v. 4) seja uma alusão velada a João Batista e à forma de seu assassinato. E assim como os profetas do passado, recuperados na figura dos servos, foram rejeitados e alguns mortos, o filho, que vem na esteira deles, recebe destino semelhante. O próprio monólogo do pai, esperando que seu filho seja respeitado, já faz prever o desfecho contrário, principalmente se se têm na lembrança palavras como as de

2Cr 36,15-16, que reforçavam a tradição do desprezo e rejeição que os profetas sofreram. O que antes ocorrera a eles, a parábola-alegoria garante que sucedeu a Jesus.

Esta nova significação que a parábola alegorizada está recebendo fica reforçada quando notamos o lugar em que ela aparece no conjunto do evangelho segundo Marcos: nos dias que antecedem sua morte, em meio a várias controvérsias e discussões, Jesus antecipa seu destino violento e denuncia as intenções e as práticas dos que o haveriam de condenar à morte. A própria reação destes ouvintes (v. 12) insinua o que o enredo alegorizado está indicando.

Está completo o processo. Uma parábola de Jesus se converte em alegoria sobre Jesus. O recurso abundante a elementos da Escritura autoriza a interpretação proposta sobre o destino de Jesus. Evidencia mais a truculência constante das elites políticas e religiosas que o caráter vergonhoso e humilhante da morte com que o vitimaram. Ou melhor, é a própria forma da morte de Jesus que permite perceber melhor a violência com que secularmente as elites agem. E assim a parábola com seu novo sentido legitima as pretensões da comunidade nos embates políticos no contexto da guerra judaica (66-70), de não se alinhar com os interesses e estratégias das elites de Jerusalém.

A parábola-alegoria permite reinterpretar a morte de Jesus à luz da tradição da morte violenta dos profetas. Retira Jesus da lama, ou melhor, afirma que a lama em que meteram Jesus é semelhante àquela em que foram lançados os que hoje são reconhecidos como profetas. Numa ousada releitura, a comunidade transforma um dito polêmico de Jesus em palavra a seu próprio respeito, ao mesmo tempo que propõe uma visão da conjuntura em que se encontra. O assassinato de Jesus é o último e mais dramático sinal da prepotência com que os detentores do poder têm agido há muito tempo. Estaria a comunidade pretendendo estar entre “os outros” (v. 9), a quem a vinha haveria de ser confiada agora?

Profetas e profetisas estão vivos. Mesmo tendo suas vidas truncadas violentamente (assim dizia a tradição), permaneciam presentes na lembrança do povo e de alguns de seus líderes. Esta permanência na lembrança foi fundamental. O aprendizado das lições do passado permitiu reinterpretar o presente. E de forma corajosa. A cruz de Jesus será então mais uma expressão da violência das elites contra os profetas e os enviados de Iahweh. Um novo perfil do crucificado se desenha, numa nova percepção da realidade e do mundo, alternativa àquela imposta pelos poderes, com suas ideologias e mecanismos de repressão.

Pedro Lima Vasconcellos
Rua das Acácias, 115
Jardim Paraíso
Valinhos/SP
13273-390
abelha@cidadanet.org.br